

reunião com credores

conclusões dos 11 maiores devedores latino-americanos em Mar del Plata

América Latina quer

Essa proposta e o pedido de crédito subsidiado ao FMI são as principais

A discussão sobre duas propostas básicas marcou ontem o primeiro dia da reunião de Mar del Plata, entre chanceleres e ministros da Economia dos países devedores da América Latina. A principal sugestão discutida até agora é a de que o FMI conceda créditos "brandos" (juros baixos e prazos longos) às nações endividadadas, como forma de compensar a elevação das taxas de juros internacionais. Outra questão que obteve consenso entre os participantes foi a convocação de um encontro, em caráter de emergência, entre credores e devedores.

Essa proposta foi feita na abertura da conferência, pelo presidente da Argentina, Raúl Alfonsín. Ele enfatizou a importância de uma maior unidade da América Latina para enfrentar a crise da dívida externa, que, segundo ele, está ameaçando o retorno da democracia à região.

O presidente argentino abriu o encontro dos 11 maiores devedores da América Latina (Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, República Dominicana, Equador, México, Peru, Uruguai e Venezuela), lembrando que os países da região "estão dependendo cada vez mais da dívida e a dívida cada vez depende menos dos países latino-americanos". E resumiu: "Isto se chama dependência".

Díálogo

Ao propor o diálogo multilateral sobre o problema do endividamento, Alfonsín disse que isso "não significa romper com as negociações individuais dos países, mas sim um diálogo onde se deixe claro que a América Latina não está disposta a permitir que seu destino seja fixado nos manejos contábeis das finanças internacionais".

O chanceler brasileiro, Ramiro Saraiva Guerreiro, considerou a proposta de Alfonsín como "um chamamento à inteligência" dos países industrializados, para que eles se disponham a buscar conjuntamente soluções para os problemas econômicos mundiais. Para ele, não seria aconselhável fixar, de imediato, uma data para essa conferência de cúpula. Essa data poderia ser rechaçada pelo credores e, com isso, se criaria um impasse, explicou. "Devemos pensar talvez num horizonte temporal, não numa data", concluiu.

Uma das propostas feitas pelo Brasil, nesse encontro, é sobre a necessidade de se diminuir as restrições aos empréstimos dos bancos internacionais de desenvolvimento, o que ajudaria a melhorar substancialmente a disponibilidade de fundos para projetos de crescimento econômico.

As propostas que estarão sendo discutidas até hoje, quando o encontro deve terminar, fazem parte de um documento elaborado pelas comissões técnicas enviadas pelos participantes. Os integrantes dessas comissões chegaram a Mar del Plata (uma cidade balneária situada a 400 quilômetros ao sul de Buenos Aires) na segunda-feira, tendo dedicado os dois dias seguintes à elaboração do elenco de propostas que estão sendo discutidas.

Entre elas, a que encontrou maior receptividade foi a do presidente Belisário Betancur, da Colômbia, um dos últimos a ingressar no grupo dos devedores. E sua ideia de se criar uma compensação para a elevação dos juros internacionais a níveis superiores à tendência de longo prazo, por meio de créditos "brandos".

Frieza

Esta sugestão, juntamente com a de se iniciar um diálogo direto com os países credores, ao qual posteriormente se integrariam os organismos financeiros e os bancos internacionais, devem se constituir na linha mestra do documento a ser aprovado hoje, expondo a posição dos grandes devedores latino-americanos.

Segundo fontes da conferência, o Brasil e o México, por terem se saído melhor do que o esperado no cumprimento das metas do acordo com o FMI, demonstram frieza no apoio a essas propostas. Ao mesmo tempo, Argentina, Colômbia e Venezuela são os seus maiores defensores.

O México, porém, parece disposto a reforçar a solidariedade latino-americana, como pediu Raúl Alfonsín na abertura do encontro. Em entrevista à imprensa, tanto o ministro das Finanças do México, Jesus Silva Herzog, quanto seu chanceler, Bernardo Sepúlveda, ratificaram a decisão de seu país de apoiar a posição do grupo de Cartagena, atuando em unidade e solidariamente diante da dívida externa da região.

Herzog disse que o acordo obtido por seu país com seus credores, para refinanciar a dívida externa, "não deve ser encarado como um exemplo por ninguém, mas sim como um esforço para ser aproveitado por outros países, com o fim de obter vantagens maiores que as nossas".

— De maneira nenhuma o México deixará de participar do acordo de Cartagena, como alguns se apressaram em prever. Viemos a Mar del Plata com o objetivo de reforçar o espírito de solidariedade latino-americana — concluiu o ministro mexicano.